



A NOITE DOS PALHAÇOS MUDOS

Laerte Coutinho

Resenha por:

Diêgo Costa Silva¹

LAERTE. *A Noite dos Palhaços Mudos*. São Paulo: Conrad Editora, 2023. 32 p.; ePUB; MOBI.

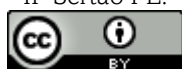
CREDENCIAIS DA AUTORA

Laerte Coutinho, assumida como transexual em 2010, é cartunista, ilustradora e quadrinista brasileira, vinculada atualmente ao jornal “Folha de S. Paulo”, já tendo publicado por várias outras revistas, como Estadão e Pasquim. Começou profissionalmente desenhando o personagem Leão para a revista Sibila em 1970. Consolidou-se como uma voz original no cenário dos quadrinhos nacionais, especialmente em obras como *A Noite dos Palhaços Mudos* (1987 - obra autoral, escrita e desenhada pela própria autora, que é objeto de análise do presente trabalho), e a revista “Piratas do Tietê”, com tiras divulgadas diariamente na Folha. Em 2017 foi publicado o documentário *Laerte-se*, dirigido por Lygia Barbosa e Eliane Brum, retratando diversos aspectos de sua vida, incluindo sua descoberta e transformação de gênero.

CONHECIMENTO

Dois palhaços mudos – dentro de sociedade em que tais tipos de palhaços são considerados uma ameaça social –, atuantes em uma operação de resgate, se dirigem

¹ IF Sertão PE.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



sorratamente, na calada da noite, para a frente de uma mansão de muros bastante altos, a fim de libertarem seu amigo: também ele um palhaço mudo.

Após hilária excursão para dentro do “forte”, a história, acompanhando o desenrolar do movimento dos palhaços, mostra ao espectador uma seita de homens, *stricto sensu*, engratados (tal qual burocratas), que, em ato político de perseguição e divulgação de propaganda ideológica, estão em vias de assassinar um palhaço mudo. Há toda uma liturgia para a consecução do feito, com direito até a discurso político. Os dois palhaços mudos infiltrados travestem-se de burocratas, adentram até o recinto onde o palhaço mudo está prestes a ser executado com uma serra, após ser amarrado entre duas mesas afastadas, e o libertam com o “auxílio” dos próprios homens de preto - é que os palhaços tomam a serra em mãos, dando indício de que irão efetuar o homicídio, mas colocam a serra “em movimento”, fazendo-a agitar-se irrefreavelmente; nisso, os burocratas agem para fazê-la para, tirando as cordas do palhaço mudo capturado, a fim de usá-las para reprimir a tremedeira da ferramenta, soltando, todavia, o palhaço. Dá-se, então, o momento da fuga, em que um dos palhaços é atingido com um tiro. Os homens o jogam seu corpo para fora da mansão, que é carregado pelo percurso em um carrinho de mão. Do lado de fora, vê-se os outros dois palhaços mudos chorando a sua perda, momento em que são surpreendidos ao notarem que seu amigo/irmão ainda se encontra vivo e sem ferimentos, pois fazia uso de uma espécie de colete à prova de balas. Como último ato, tocam a campanha da mansão, levando os homens nela ao delírio e ódio, enquanto se põem a correr novamente, agora para longe da casa.

Lançada na revista Circo, edição 4, de julho de 1987, com o país recém-saído da ditadura militar, a HQ de Laerte, abordada em humor pastelão, faz uma crítica ao status quo e à sociedade conservadora e a seus agentes políticos (sentido *lato sensu*) que, nas trevas da noite, e sob a vista da população comum, patrocina a ideologia do ódio e perseguição a indivíduos de classes sociais minoritárias.

O caráter aberto da obra não exige conhecimentos prévios para que sua narrativa se faça entender. Contudo, para uma absorção ampla e mais profunda das entranhas que esta HQ se permite entregar, o conhecimento histórico do Brasil em tempos ditatoriais, pós-golpe de



1964, bem como um entendimento básico de direitos humanos e princípios fundamentais constitucionais, fazem-se necessários.

APRECIACÃO

Para Barthes, o mito tem por função, enquanto linguagem secundária (metalinguagem), roubar os sentidos primeiros de um signo, removendo seus significante e significado, e tratando-o por um novo significante (ou, melhor dizendo, forma). (Barthes, 2009, p. 205) Por atuar dessa maneira, o mito tem um objetivo: “transformar uma intenção histórica em natureza, uma eventualidade em eternidade. Ora, este processo é o próprio processo da ideologia burguesa” (Ibid., p. 234). Sendo o mito uma narrativa histórica (negadora ao mesmo tempo desse viés histórico) que busca por princípio disfarçar a violência estatal para manutenção do *status quo* e a naturalização da dominação de classes sem maiores percalços, não haveria que se falar propriamente em mitologia em um espectro revolucionário (Ibid., p. 238).

Quando se traz Barthes para “ler” *A Noite dos Palhaços Mudos* não se quer perceber esta obra per se enquanto um reflexo ideológico das classes dominantes, mas, a partir dela, entender tanto o discurso quanto a imagem mitológicos (a imagem também é uma fala²) que o próprio autor captou em sua imaginação, independentemente se consciente disso ou não, e despejou em sua arte.

Partindo desse aspecto, leiamos a HQ dos palhaços mudos sob outro enfoque, aquele olhar que perscruta as nuances de camadas mais abaixo daquelas superficialmente mais visíveis e fáceis de se perceber, estas inclusive já bem demonstradas na parte destinada ao **conhecimento**, quando se tratou ali dos objetivos, finalidades e métodos da narrativa.

Os palhaços são o signo que conota as pessoas marginalizadas dentro da sociedade. E qual a base empírica desse enunciado? Eles estão em um número total de três contra toda uma multidão de homens bravejando palavras de morte aos palhaços mudos. Eles são vítimas

² “O que, hoje em dia, é um mito? Darei desde já uma primeira resposta, muito simples, que concorda plenamente com a etimologia: o mito é uma fala. [...] Esta fala é uma mensagem. Pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica.” (Barthes, 2009, p. 199-200)

de perseguição e tortura, tendo contra si os homens que possuem a palavra, que ordenam a perseguição, que instigam condutas e se alto proclamam “próceres da sociedade” (Lerte, 2023, p. 11). Quem marca a condição de minoria perseguida dos palhaços não é a atividade humorística destes, nem mesmo a sua mudez: é o domínio da palavra efetuado pelo outro. Como bem informou alhures Jean-Paul Sartre,

Eles (os judeus) deixaram-se envenenar por uma certa representação que os outros fizeram deles e vivem com receio de que seus atos correspondam a ela; assim poderíamos dizer que sua conduta é perpetuamente sobredeterminada pelo interior. (Sartre, [s/d], p. 123 *apud* Fanon, 2008, p. 108).

Os judeus são formados em seu interior pelo olhar que o outro lhe traça, estando sua subjetividade em uma relação dialética com o exterior: o outro. Nas sociedades classistas, a classe ou conjunto de classes que está no poder é quem marca os valores de uma dada época³. Quem domina o uso do alto-falante (Ibid.) domina, portanto, a palavra, o mito, a ideologia. Faz uso dela para seu domínio classista e preservação de seus privilégios, atuando positivamente na mutilação da cidadania e dos direitos das classes menos favorecidas, como bem ponderou Milton Santos no ensaio “As Cidades Mutiladas”⁴, uma vez que é a partir dessa mutilação de direitos que os privilégios, o status social, político e econômico, assim como a condição de “próceres da sociedade”, são mantidos. É daqui que se traça a obviedade da simbologia, da substituição analógica que opera o discurso do palhaço mudo como um representante das minorias.

Apenas por ser um símbolo representativo da resistência, não se poderia falar em um mito da esquerda? Veja: em que pese estejam fora de um ambiente de trabalho, como o circo ou um palco, os palhaços naturalizam essa atividade como pertencente a eles mesmos, como se ser palhaço fosse algo natural, nasceram assim e para isso.

³ “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante”. (Marx, 2001, p. 48, grifos do autor)

⁴ “É neste caso que me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. Eu digo que não. Em todo caso, no Brasil não o é, porque não é preocupada com direitos, mas com privilégios. O preço da desnaturação da democracia amplia a prerrogativa da classe média, ao preço de impedir a difusão de direitos fundamentais para a totalidade da popula  o. E o fato de a classe média gozar de privilégios, não de direitos, que impede aos outros brasileiros ter direitos”. (Santos, 1996/1997, p. 133).

A objeção é boa, mas ela desconsidera o caráter ideológico do mito. Por mais que alguns aspectos estejam naturalizados, como os mencionados no parágrafo anterior, essa naturalização não busca subverter a linguagem para validar uma dominância classista. Perceba-se que a forma de defesa dos palhaços parte de uma atitude cômica, sem mortes ou tortura, subvertendo aí a ideia da violência a que estão expostos. A violência de que fazem uso os palhaços é uma violência diferente daquela manifestada pelos agentes da repressão. Essa violência/defesa é parte da inteligência e da comédia intrínsecas aos palhaços: cada um se defende com as armas que possui. Os palhaços não matam, não torturam e nem buscam vingança da vilania praticada contra eles. Os palhaços, a cada frame da HQ, vão, pelo contrário, desmascarando a elite brasileira.

Mais uma vez, os palhaços são signos conotativos que representam toda uma população marginalizada, oprimida e dominada pela classe dominante. A obra de Laerte não mascara a opressão social; antes, trabalha por expô-la, ao demonstrar como pessoas das classes dominantes, na calada da noite, em uma mansão que demonstra por si só seu poder econômico, com homens a usarem terno e gravata, magnatas, lembrando muito o ambiente político nacional, como também o corporativo (Faria Lima), cheia de homens brancos engratados, armam ciladas contra aqueles que operam resistência social. Na boca desses homens o discurso da marcha com Deus contra Jango, que pediu pela ditadura em 1964⁵. Uma elite que fala de e por Deus⁶ e pela família, mas que tortura pessoas na calada da noite, nos porões da ditadura, criando vítimas simuladas de suicídios⁷ e destruindo as famílias das classes invisíveis. Um exército, cujo slogan nacional é “braço forte, mão amiga”⁸, em que se percebe uma atuação histórica real recente inimiga dos governos (Vide João Goulart em 1964 e o

⁵ “Organizada por setores da igreja católica e associações femininas conservadoras, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade é uma resposta ao Comício da Central, realizado no Rio de Janeiro seis dias antes, durante o qual João Goulart anunciara seu programa de Reformas de Base. A Marcha reuniu segmentos da classe média temerosos do “perigo comunista” e favoráveis à deposição do presidente da República”. MEMORIAL DA DEMOCRACIA. *Marcha reage com Deus contra Jango*. Disponível em:

<https://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-reage-com-deus-contrajango>. Acesso em 10-4-2025.

⁶ “... estes seres ignóbeis, com sua obstinada e teimosa mudez ameaçam as bases da nossa sociedade, nossa religião e nossas famílias” (Larte, 2023, p. 11).

⁷ Ver Vladimir Herzog.

⁸ O slogan e encontra disponível na página de abertura do Exército Brasileiro no site do Ministério da Defesa. Conferir: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercito>.



número de seus generais envolvidos em uma tentativa de golpe de Estado em 2022-3 para a não assunção do governo Lula 2023-2026), seu slogan atua mitologicamente para *esconder* o caráter classista desse Aparelho Repressivo de Estado (ARE)⁹, cuja função precípua é defender os privilégios da classe dominante: a burguesia. Assim, ainda que o chefe da presidência da República, pela Carta Constitucional (Art. 84, XIII, CF 88), exerça o comando supremo das Forças Armadas, no plano real da luta de classes, atuando o presidente pelas reformas de base e consequente diminuição de privilégios da classe dominante, o Exército operará, como operou contra Jango, na condição de “Poder Moderador”¹⁰, em que pese esse poder nunca lhe tenha sido inerente na história pátria.

Laerte não mascara, ela expõe a estupidez e violência da elite brasileira, que se esconde atrás de discursos religiosos e morais, que disfarça sua violência física e naturaliza em seus discursos suas torturas perpetradas contra os resistentes das classes pobres deste Brasil¹¹.

INDICAÇÃO

A obra, por fim, é indicada para o grande público, especialistas em estética e estudantes de todos os nichos do saber. Em outras palavras, é indicada a todos aqueles dispostos a, pelo toque artístico, perceberem a desmistificação de um aspecto ideológico da classe burguesa brasileira nos idos ditatoriais, mas que ainda hoje se repetem como farsa (Marx, 2006, p. 12).

⁹ Conceito emprestado de Althusser. Vide ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Portugal: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, [S/D].

¹⁰ Em 8-4-2024, o STF determinou que as Forças Armadas não são um Poder Moderador, não tendo o artigo 142 da Constituição permissibilidade para uma atuação dessas em conflitos eventuais entre os verdadeiros poderes constituintes: Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Para uma compreensão mais abrangente da decisão, veja-se: BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *STF nega pedido de habeas corpus para réu em operação da Lava Jato*. Portal STF, Brasília, 8-4-2024. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=531731&ori=1>. Acesso em: 13 abr. 2025.

¹¹ Carlos Marighella é tratado enquanto bandido por portais de direita como Brasil Paralelo. Não farei citação direta, mas uma das páginas de conteúdo de livre acesso é esta: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/quem-e-marighella>.



REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Mitologia*. Trad. Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *STF nega pedido de habeas corpus para réu em operação da Lava Jato*. Portal STF, Brasília, 8-4-2024. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=531731&ori=1>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FANON, Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARX, Karl. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Milton. *As Cidades Mutiladas*. IN: LERNER, Julio. *O preconceito*. São Paulo: IMESP, 1996/1997.